



E

Ane  
ku  
mene

# Cartografia escolar e inclusiva: repensar e reinventar práticas na educação básica e no ensino superior

Cartografía escolar e inclusiva: repensar y reinventar  
prácticas en la educación básica y en la enseñanza superior

School and Inclusive Cartography: Rethinking and  
Reinventing Practices in Basic and Higher Education

Thiago Bastelli Gramasco\*  
Tiago Salge Araujo\*\*

## Resumo

Esse artigo tem como objetivo principal apresentar e discutir experiências com a Cartografia Escolar e Inclusiva na educação básica e na formação docente no ensino superior. Para isso optamos por dividir o nosso texto em duas partes. A primeira centrar-se-á nas experiências do primeiro autor como docente no âmbito da disciplina *Cartografia Escolar e Inclusiva*, do curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de Rio Claro/SP. Esta parte focaliza as concepções e aplicações dos materiais, elaborados por parte dos discentes desta disciplina, no Centro-Dia de Referência ao Deficiente de Rio Claro/SP. A outra parte do artigo tratará das práticas desenvolvidas com os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental II em um colégio da mesma cidade. Neste momento, o segundo autor apresenta atividades nas quais tecnologias digitais se unem ao trabalho manual coletivo na criação de cartografias que efetivamente operaram na construção do conhecimento. Em ambas as situações, a Cartografia

reafirmou-se enquanto linguagem indissociável do ensino de Geografia já que ela possibilita a espacialização (inclusive lúdica e imaginativa) dos fenômenos e também a busca de informações para interpretá-los. Portanto, este perfazer de experiências sistematizadas, pretende suscitar a reflexão sobre as experiências dos docentes e a necessidade de repensar e reinventar práticas cartográficas transformadoras e que tenham significado para os envolvidos nesse processo.

## Palavras-chave

Cartografia escolar e inclusiva; cartografia tátil; inclusão escolar; formação docente.

\* Universidade Estadual Paulista

\*\* Universidade Estadual Paulista

## Resumen

Este artículo tiene como propósito presentar y discutir experiencias alrededor de la cartografía escolar y la inclusiva en educación básica y en la formación docente en la enseñanza superior. Para ello, el documento se encuentra dividido en dos partes: la primera se centra en las experiencias del primer autor como docente del curso de Cartografía Escolar en la Universidad Estatal Paulista (Unesp). Este apartado se enfoca en la producción y aplicación de los materiales, elaborados por los alumnos del curso, en el Centro Diurno de Referencia para personas con Discapacidad de Rio Claro. La otra parte del artículo trata las prácticas desarrolladas con alumnos de las series iniciales de la Enseñanza Fundamental II en un colegio de la misma ciudad. Aquí, el segundo autor presenta actividades en las que tecnologías digitales se unen al trabajo manual colectivo para la creación de cartografías que efectivamente operan en la construcción de conocimiento. En ambas situaciones, la cartografía se reafirmó

## Abstract

The main objective of this article is to present and discuss experiences with school and inclusive cartography in basic education and teacher training in higher education. For this purpose, we divided the text into two parts. The first one will focus on the experiences of the first author as a teacher in the School Cartography course in the Paulista State University (Unesp). This part focuses on the conceptions and applications of the materials, elaborated by the students of this discipline, in the Reference Day-Center- for Disabled People, in Rio Claro. The second part of the article will deal with the practices developed with the students of the initial series of Fundamental Teaching II in a school in the same city. The second author presents activities in which digital technologies join collective manual work in the cre-

como lenguaje indisoluble de la enseñanza de la geografía puesto que posibilitó la espacialización (incluso lúdica e imaginativa) de los fenómenos y, además, la búsqueda de información susceptible a interpretaciones. Este proceso de experiencias sistematizadas pretende suscitar la reflexión sobre el quehacer de los docentes y evidenciar la necesidad de repensar y reinventar prácticas cartográficas transformadoras.

## Palabras clave

Cartografía escolar e inclusiva; cartografía táctil; inclusión escolar; formación docente

ation of cartographies that effectively operated in the construction of knowledge. In both situations, cartography was reaffirmed as an inseparable language of the teaching of geography since it enables the spatialization (even playful and imaginative) of the phenomena, and also the search for information to interpret them. Therefore, this process of systematized experiences aims to stimulate reflection on the teachers' experiences and highlight the need to (re)think and (re)invent transformative cartographic practices.

## Keywords

School and inclusive cartography; cartography tactile; school inclusion; teacher training.

## Introdução

As descrições das atividades que apresentaremos no artigo fazem referência às experiências docentes que os autores tiveram no ano de 2017. O autor principal deste artigo, por ter participado durante três anos como bolsista do projeto de extensão do Centro de Análise e Planejamento Ambiental (Ceapla) “Cartografia Tátil e Mapavox: uma alternativa para construção de mapas e jogos táteis”, foi indicado para administrar a disciplina *Cartografia Escolar e Inclusiva* no curso de Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) no primeiro ano em que a mesma tornou-se obrigatória na grade curricular. O segundo autor deste trabalho, docente no Colégio particular Puríssimo Coração de Maria desde 2013, obteve maior número de aulas atribuídas no ano de 2017, possibilitando-o trabalhar com a elaboração de materiais cartográficos diferenciados com suas turmas; o docente também foi integrante do projeto Cartografia Tátil na Unesp, campus de Rio Claro/SP, e possui vasta experiência no ensino básico e superior.

No ano de 2013, por iniciativa dos professores da área de Cartografia do Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento, foi proposta a disciplina Cartografia Escolar e Inclusiva, com carga horária de 60 horas, para fazer parte da grade de disciplinas optativas oferecidas pelo curso de Graduação em Geografia da Unesp (Freitas, 2017). Entretanto, a disciplina continuou sendo optativa até a reestruturação curricular de 2015, quando passou a ser obrigatória, evidenciando maior preocupação com as temáticas da Inclusão Escolar na formação integradora dos futuros docentes.

A Cartografia direcionada aos educandos nos primeiros anos de escolarização tem ocupado um lugar de destaque em pesquisas cujos autores vêm concentrando seus esforços na busca de uma Cartografia que visa desenvolver habilidades espaciais relacionadas à leitura e compreensão da evolução da paisagem. Segundo Vieira, Oliveira e Leite (2010), essas pesquisas têm comprovado, que através do uso de material didático-pedagógico e dos recursos tecnológicos disponíveis, é possível trabalhar a aquisição de habilidades que envolvem os conceitos geográficos e a representação espacial, contribuindo efetivamente para o processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, dividimos as experiências que serão relatadas neste artigo da seguinte maneira: na primeira parte apresentaremos as práticas pedagógicas ocorridas nas aulas do professor-bolsista Thiago Bastelli Gramasco, relacionadas ao ensino superior; e no segundo tópico, referente ao ensino básico, relataremos as experiências do professor Me. Tiago Salge Araujo no colégio Puríssimo Coração de Maria em Rio Claro/SP. Pretendemos, portanto, na primeira parte do nosso texto, descrever algumas das atividades desenvolvidas pelos docentes convidados em sala de aula na disciplina Cartografia Escolar e Inclusiva para, em seguida, abordarmos a elaboração e a aplicação dos materiais confeccionados

pelos próprios discentes. Já na segunda parte, abordaremos a elaboração de materiais cartográficos pelos alunos dos 6º e 7º anos do ensino fundamental II.

Finalmente, em nossas notas conclusivas, esperamos dar alguns apontamentos e refletirmos sobre a centralidade da Cartografia e da elaboração de materiais táteis na construção do conhecimento geográfico, tanto dos alunos da educação básica quanto do ensino superior.

## (Re)pensar e (re)criar experiências cartográficas no ensino superior

Devido a aposentadoria da professora Maria Isabel Castreghini de Freitas, responsável pela disciplina Cartografia Escolar e Inclusiva na Unesp, campus de Rio Claro/SP, eu, Thiago B. Gramasco, aluno mestrando do programa de pós-graduação, fiquei encarregado de ministrá-la. Como consta na ementa da disciplina, o objetivo da mesma é abordar os fundamentos teóricos e metodológicos que norteiam a Cartografia Escolar e, sobretudo, discutir a inclusão escolar de crianças e adolescentes com deficiências no ensino regular.

Ao concretizar o planejamento da disciplina, optei por tentar realizar o maior número possível de atividades práticas em sala de aula e fora dela. Como o foco da mesma é a Cartografia Tátil, e por eu ter participado durante três anos como bolsista do projeto de extensão do Ceapla denominado *Cartografia Tátil e Mapavox: uma alternativa para construção de mapas e jogos táteis*, cuja responsável era justamente a professora Maria Isabel C. de Freitas, busquei ao final de cada aula trazer algumas de minhas experiências no projeto, em especial no “Centro Municipal de Atendimento ao Cego-CMAC” (atual Centro-Dia de Referência ao Deficiente)<sup>1</sup> de Rio Claro/SP.

Também trouxe para ministrarem aulas relacionadas aos conteúdos programáticos, professores atuantes na Rede Municipal, Estadual e privada de Rio Claro/SP e região. Os profissionais convidados foram: Prof. Me. Leandro Generoso Lopes, que atua como docente na educação infantil da Rede Municipal do município de Rio Claro/SP e Santa Gertrudes/SP; a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Walkiria Gonçalves Reganhan, docente também na Rede Municipal de Educação e na universidade privada Claretianas; a Prof.<sup>a</sup> de Braille do “Centro-Dia de Referência ao Deficiente” de Rio Claro Adriana Maria Cozza; e o Prof. Me. Tiago Salge Araujo, que atua na escola particular Puríssimo.

1 Vinculado à Secretaria Municipal de Ação Social, o antigo Centro Municipal de Atendimento ao Cego (CMAC) atende desde o início de 2015 como *Centro Dia de Referência para Pessoas com Deficiência*, a nova designação adotada para um projeto mais abrangente desenvolvido em parceria com a Associação de Pais e Amigos do Centro de Habilitação Infantil – Apachi “Princesa Victória”.

Inicialmente, abordamos documentos e Leis que falam sobre o direito à educação dos alunos portadores de necessidades especiais, como a própria Constituição Federal Brasileira (1988), a Declaração de Salamanca (1994) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN-1996). Discutimos, também, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) no âmbito da Geografia, focando na Cartografia enquanto ramo da ciência e “ferramenta” de análise espacial.

Já nas aulas seguintes (2ª e 3ª aula), adentramos nas noções espaciais e orientação da criança, que, segundo Almeida e Passini (2008), inicia-se antes do período de escolarização. Para as autoras, “a psicogênese da noção de espaço passa por níveis próprios da evolução geral da criança na construção do conhecimento: do vivido ao percebido e deste ao concebido” (Almeida e Passini, 2008, p. 27). O espaço vivido “refere-se ao espaço físico, vivenciado através do movimento e do deslocamento” (Almeida e Passini, 2008, p. 27), em que brincadeiras se tornam fundamentais para a exploração corporal e espacial. Já o espaço percebido é lembrado pela criança, não sendo mais necessário explorá-lo fisicamente (caminho de casa até a escola, por exemplo). E, por último, o espaço concebido, em que o aluno é capaz de estabelecer relações espaciais a partir de uma representação (o mapa, por exemplo), sem necessariamente conhecer aquele determinado espaço. Nessa faixa etária da escolarização, é de extrema relevância que os professores trabalhem com seus alunos as noções topológicas espaciais elementares, que são: direita/esquerda, frente/atrás, em cima/em baixo, dentro/fora.

A relação entre o desenho da criança e o mapa foi muito bem trabalhado pelo Prof.º Me. Leandro Generoso Lopes. Ele nos mostrou que o desenho (ainda que sejam apenas rabiscos) é a primeira escrita e linguagem de uma criança e, sistematicamente, podemos dividir as fases evolutivas em: Garatuja, pré-esquematismo, esquematismo, realismo e pseudonaturalismo; a aula ministrada pelo Prof.º Leandro se sustentou em autores como Jean Piaget, Louwenfeld e Luquet.

Em seguida, brevemente, abordei a Cartografia como uma linguagem, discutindo a questão da “alfabetização cartográfica” e como seria possível trabalhá-la no âmbito das séries iniciais da escolarização. Apresentei, também, algumas propostas de atividades lúdicas, possíveis de serem realizadas em sala de aula (no ensino público e privado).

Mais precisamente na 5ª aula, iniciamos o debate sobre a cartografia tátil. Segundo Freitas e Venterini (2011), a Cartografia Tátil é a área específica da Cartografia inclusiva dedicada ao desenvolvimento metodológico, à produção de material didático para a transmissão de conceitos geográficos, do meio ambiente e da vida em sociedade, bem como a sua aplicação em aula para alunos cegos e de baixa visão, para os quais os “mapas táteis”, ou seja, representações gráficas em textura e relevo servem para orientação e localização de lugares e fenômenos geográficos (Freitas e Venterini, 2011). Nesta aula, discutimos os procedimentos metodológicos

de construção de materiais táteis (mapas, tabelas, gráficos, maquetes e jogos). Para a elaboração de conjuntos didáticos táteis é necessário levar em conta três importantes características dos objetos que serão explorados com o tato que são: textura, tamanho e forma (Freitas e Venterini, 2011). Tais elementos são basilares para a exploração tátil visando estimular o aluno na interação com o material produzido, levando-se em conta que alterações nestas características podem atrapalhar ou inibir o tato. Os pesquisadores da área reivindicam há muito tempo uma padronização de materiais, legenda e metodologias de produção visando à sistematização do procedimento, algo que se espera atingir num futuro breve, para o bem da produção didática nesta área.

Na aula seguinte, a Prof.ª Dr.ª Walkiria Gonçalves Reganhan trouxe inúmeros materiais que podem ser construídos e trabalhados com alunos portadores de necessidades especiais (DV, DA, DI, DF); atualmente, a Rede Municipal de Educação de Rio Claro/SP possui algumas escolas com “Salas de Recursos Multifuncionais”. A professora também realizou uma atividade prática de locomoção e mobilidade para deficientes visuais, utilizando cabos de vassoura representando bengalas e vendas para tapar os olhos, além de abordar os tipos de deficiências visuais que existem (parcial/total) (ver imagem 1).



**Imagem 1.** Atividade de locomoção e mobilidade para deficientes visuais.

**Fonte:** elaboração própria.

Tivemos, também, a apresentação da Prof.ª Adriana Maria Cozza, que nos apresentou o sistema Braille de comunicação. Além de nos apresentar o sistema Braille, a Adriana que é cega de nascença, nos contou um pouco das suas experiências de vida; atualmente, ela é funcionária da prefeitura e Prof.ª de Braille no Centro-Dia de Referência ao Deficiente (ver imagem 2).



**Imagem 2.** Palestra com a Prof<sup>a</sup> de Braille Adriana M. Cozza.

Fonte: elaboração própria.

Após termos contato com o aporte teórico da disciplina e os procedimentos metodológicos de construção de conjuntos didáticos, demos início a elaboração dos mapas táteis. Seguindo o cronograma da antiga ementa da disciplina, os alunos eram instruídos a elaborarem mapas táteis durante o curso, porém, algo inovador que me propus a desenvolver com as turmas, foi à possibilidade de aplicarmos os materiais confeccionados no Centro-Dia de Rio Claro/SP; os alunos teriam contato direto com pessoas portadoras de DV, além de outras deficiências (DA/DI). A confecção dos materiais perdeu por quatro aulas seguidas, que ocorreram no Laboratório de Apoio ao Ensino de Geografia (Laege) da Unesp. A turma do Noturno (16 alunos) foi dividida em quatro grupos e ficou responsável pela elaboração de quatro mapas táteis da América do Sul. Já a turma do Integral (12 alunos) confeccionou quatro mapas mundi táteis. Todos participaram efetivamente do processo de construção dos mapas. Abaixo segue imagens de alguns dos materiais confeccionados (ver imagem 3).



**Imagem 3.** Mapas táteis elaborados pelos alunos.

Fonte: elaboração própria.

As apresentações ocorreram no dia 13 de novembro de 2017 para a turma do Integral e dias 21 e 24 de novembro para a turma do Noturno. Devido os alunos do noturno trabalharem, decidimos organizar dois dias para as aplicações, com intuito de que todos tivessem a oportunidade de ter contato com os usuários do Centro-Dia (ver imagem 4). Em caráter conclusivo, acredito ter sido uma das melhores experiências docentes que tive, isto é, ministrar uma disciplina na graduação de uma universidade pública como a Unesp, ainda mestrando. Acredito, também, que na medida do possível e com todas as minhas limitações, ter contribuído para a formação docente dos alunos da disciplina, sobretudo numa temática que nunca esteve tão latente como atualmente.



**Imagem 4.** Aplicação dos materiais táteis no Centro-Dia.

Fonte: elaboração própria.

## (Re)pensar e (re)criar experiências cartográficas na educação básica: cartografando os biomas brasileiros

A campanha da fraternidade (CF) é realizada anualmente pela Igreja Católica do Brasil, envolvendo a comunidade em diversas ações pastorais em todas as regiões do país. O objetivo desta campanha é abordar temas atuais e busca a transformação da sociedade como um todo. Convidado toda população a “ver, julgar e agir”. As experiências e práticas aqui relatadas estão inseridas dentro da proposta da Campanha da Fraternidade do ano de 2017 uma vez que o colégio em que as atividades aconteceram é uma instituição católica com mais de 100 anos na cidade de Rio Claro/SP.

No ano de 2017 o tema da referida campanha foi “Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida”, o que abriu imensas possibilidades para o trabalho com a geografia e produções cartográficas. Nesta parte do artigo trataremos de explorar principalmente as atividades desenvolvidas com os alunos e alunas dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II, isso porque o currículo destes anos aponta, respectivamente, para um trabalho aprofundado com a cartografia e com a geografia do Brasil.

As sequencias de atividades que irei apresentar aconteceram durante as aulas de geografia (três aulas/horas semanais) e tiveram como norte o tema da CF-2017. Nos 6º anos, os biomas surgem como tema central de suas mais diferenciadas produções cartográficas: maquetes, jogos, aplicativos e produtos táteis. Nos 7º anos, esses diferentes produtos cartográficos foram na verdade o caminho para se trabalhar os biomas brasileiros, tema inicial do material didático adotado pelo colégio. Poder-se-ia dizer que foram propostas do “agir”, significando intenso movimento de busca, leituras, ação e criação cartográfica, aceitando o chamado da campanha a este olhar para espaço geográfico. Além disso, com essas atividades, procuro não compartimentar a cartografia apenas como um eixo da Geografia, pelo contrário, haja vista que:

O ensino da geografia e o da cartografia são indissociáveis e complementares: a primeira é o conteúdo e a outra é a forma. Não há possibilidade de estudar o espaço, sem representá-lo, assim como, não podemos representar o espaço sem informação (Passini, 2007, p.148).

## Do barbante ao guache

A sequência didática dos 6º anos respeitou a proposta curricular, bem como a organização do material didático<sup>2</sup> adotado no ano em que as atividades aconteceram, o mesmo aconteceu com os 7º anos. Com o primeiro grupo, para trabalharmos a noção de escala e proporção, além das aulas teóricas e outras práticas, realizamos a medição da praça central de Rio Claro/SP (“Praça da Matriz”) e dos elementos que a compõe. Esta atividade também fez parte do projeto “Anotando a praça”, que contou com coleta de lixo e intervenções sobre a importância de se preservar a vida.

Para realizar a medição os alunos se agruparam em pequenas equipes, cada qual portando: caderneta de campo, bússola e rolo de barbante. Cada uma se responsabilizou por um determinado tipo de objeto ou parte da praça. Após a redução em escala da praça e as devidas explicações e orientações, as equipes foram desafiadas a construírem um croqui em escala aproximada da praça, imaginando um dos biomas compondo a paisagem da praça, valorizando a interpretação tátil deste produto.

Nesta etapa, foram fundamentais os trabalhos prévios de análise da paisagem e do projeto com o jogo *Minecraft*, orientado pela professora de história do colégio utilizando a sala interativa (ou “sala dos I pads”, como é chamada entre os alunos). Neste projeto os alunos puderam construir “mundos” de civilizações antigas e também alguns biomas brasileiros. Na construção dos croquis, utilizamos papel pardo, já que iríamos fixar os croquis em um grande painel do colégio, tintas, recortes de papel e os próprios “pedaços” de barbante como elementos da praça.



**Imagem 5.** Alunos medindo a praça.

Fonte: [redeicm.org.br/purissimo](http://redeicm.org.br/purissimo)

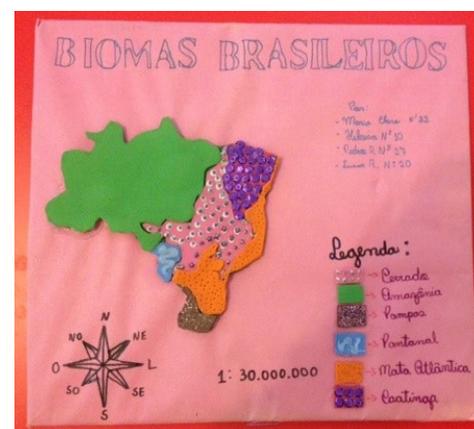
Como os alunos já conheciam a cartografia tátil através das aulas e a partir de visitação feita ao campus da Unesp de Rio Claro/SP (Ceapla e laboratório de Cartografia tátil), apenas foram dadas algumas orientações e possibilidades para construírem os croquis, privilegiando os aspectos sensoriais (visão e tato). Interessante destacar que o fato de terem que imaginar um

bioma na praça e terem que utilizar, sobretudo tintas e barbantes, propiciou as mais variadas criações. Para que os alunos fossem estimulados a pensarem sobre os biomas brasileiros, tema da CF-2017 coloquei a questão: “E se nossa praça fosse um bioma?”. A partir daí então, cada equipe elaborou seu croqui respeitando as medidas obtidas na praça e suas respectivas reduções e imaginando um bioma presente naquele espaço. Para fixarmos os trabalhos, um grupo de alunos ficou responsável por construir uma grande legenda que deveria acompanhar todos os croquis.

Encerradas essas atividades, ficou bastante claro que trabalhar com a cartografia não é apenas classificar, calcular e abstrair, é, sobretudo criar situações que levem os alunos e alunas a pensarem e a fazerem relações. É uma busca de significações a partir da interação entre sujeito e objeto, por isso a alfabetização (cartográfica) é um processo contínuo das interações com o meio, dele abstraindo relações (Castrogiovanni e Costella, 2007). Além disso, o fato de termos utilizado a praça que se localiza justamente em frente ao colégio e, portanto, parte integrante do cotidiano dos alunos, os alunos puderam tomar como referência o lugar de vivência para formalizarem os conceitos geográficos à partir da linguagem cartográfica (Castellar, 2000).

## Do touch ao polegar

Concordamos que a cartografia é uma linguagem indissociável para a aprendizagem da geografia, permitindo relacionar conceitos, fatos que darão suporte à leitura do território. (Castellar, 2005). Assim, para construir os conceitos relativos aos biomas brasileiros, utilizamos o site [mapmaker.nationalgeographic.org](http://mapmaker.nationalgeographic.org), onde os alunos precisaram identificar em quais estados brasileiros os biomas se localizavam originalmente, buscando delimitá-los e posteriormente inserir símbolos que os remetessem para cada um deles. Cada aluno elegeu um bioma a ser cartografado na ferramenta referida anteriormente e, de posse desse material e de outras coletâneas de mapas temáticos, desenvolveram mapas táteis sobre os biomas brasileiros.



**Imagem 6.** Mapas produzidos pelos alunos do 7ano do EFII.

Fonte: elaboração própria.

<sup>2</sup> Projeto Araribá Plus – 4ª Ed. 2014. Editora Moderna.

Interessante destacar que essa atividade motivou bastante os alunos e indagações como “será que essa textura é agradável ao tato dos cegos?”, “podemos também trabalhar com tons de cores diferentes?” foram levantadas durante toda a prática. Com essa atividade procuramos não apenas colocar o aluno como mapeador, mas também como agente de inclusão, uma vez que a partir desse momento eles experimentaram na prática a elaboração de materiais multissensoriais que poderiam perfeitamente serem utilizados por alunos-colegas cegos ou com baixa visão.

## Notas conclusivas

Olhar para os espaços e práticas educativas é também olhar para as comunidades que deles participam e, à medida que estas se tornam mais complexas, no caso dos cegos, temos a obrigação de refletir sobre a centralidade que a língua (Braille) e as linguagens (cartográficas) assumem (Araujo, Vaz e Coelho, 2013). Com isso queremos reforçar que quando se trabalha com produtos táteis é necessário partir, sobretudo das demandas e necessidades dos sujeitos (cegos ou portadores de baixa visão). É necessária uma criteriosa abordagem teórico/prática para alcançarmos os objetivos propostos.

Especificamente sobre a primeira parte deste artigo, pensamos que o trabalho na formação de docentes contribuiu para a formação dos alunos da disciplina, sobretudo numa temática que nunca esteve tão latente como atualmente. Sobre a segunda parte, ficaram-nos evidentes as potencialidades do trabalho com a cartografia inclusiva na educação básica: ela serve como aporte e linguagem para a alfabetização cartográfica e, ao mesmo tempo, propulsora de discussões sobre sociedade e educação inclusiva. As práticas trazidas nesse artigo reforçam a indissociabilidade entre cartografia, construção de conceitos geográficos e leitura das diferentes realidades do território.

Especialmente sobre as práticas e atividades de inclusão no espaço escolar (e na geografia), trazemos por fim os quatro modelos de conceptualização/legitimação da diferença apresentados por Stoer e Magalhães (2005). Os dois autores do livro “A diferença somos nós” estabelecem modelos que permitem a compreensão de mudanças de paradigma e “padrões de alteridade”, que são eles: o modelo etnocêntrico, o modelo da tolerância, o modelo da generosidade e por fim o modelo relacional.

Em linhas gerais os autores nos mostram quatro modelos de lidar com o “diferente”: o etnocêntrico coloca o sujeito “normal” como padrão implicando na exclusão do diferente; o tolerante apenas o “aceita”; o generoso enxerga com benevolência e piedade o “diferente” e, por último, o relacional se vê neste que é diferente e busca formas de aproximação destas diferenças (que é do outro e nossa). Ao longo de todas as práticas, centramos nossos esforços numa aproximação com o modelo

relacional. Entendemos, portanto, a cartografia como elo de relação e de aproximações entre “nós” e “o outro”, uma vez que ela permite (re) pensar e (re)criar olhares e sensações sobre nossos espaços de vivência.

## Referências

- Almeida, R. e Passini, E. (2008). O espaço geográfico: ensino e representação. São Paulo: Contexto.
- Araujo, T., Vaz, H. e Coelho, O. (2013). Outridades espaciais: heterotopias da educação dos Surdos em Portugal. In O. Coelho e M. Klein (eds.), *Cartografias da Surdez. Comunidades, Línguas, Práticas e Pedagogia* (pp. 375-387). Porto: Livpsic.
- Castellar, S. (2000). Alfabetização em geografia. *Espaços da Escola*, 10(37), 29-46.
- Castellar, S. (2005). Educação Geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. *Cadernos Cedex*, 25(66).
- Castrogiovanni, A. e Costella, R. (2007). *Brincar e cartografar com os diferentes mundos geográficos*. Porto Alegre: EdIPUCRS.
- Freitas, M. (2017). Cartografia Escolar e Inclusiva: construindo pontes entre a universidade, a escola e a comunidade. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, 7(13), 135-157.
- Freitas, M. e Ventrini, S. (Eds.). (2011). *Cartografia tátil: orientação e mobilidade às pessoas com deficiência visual*. Jundiaí: Paco Editorial.
- Passini, E. (2007). *Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado*. São Paulo: Contexto.
- Stoer, S. e Magalhães, A. (2005). *A diferença somos nós: a gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais*. Porto: Afrontamento.
- Vieira, E., Oliveira, R. e Leite, R. (2010). Cartografia: importância na formação de professores de Geografia. XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre, Brasil.